

AS RELAÇÕES DE TRABALHO EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS: REFLEXÕES SOBRE UMA ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA VOLTADA À FORMAÇÃO CRÍTICA DE ESTUDANTES

Emerson Ellano Dutra Praciano¹
Valdemarim Coelho Gomes²

RESUMO

Ao tratar sobre as relações de trabalho nas produções audiovisuais e sua implementação no ambiente escolar, buscamos, neste artigo, analisar filmes que constroem narrativas sobre os modos de produção do trabalho capitalista e neoliberal, além de propor estratégias para sua utilização crítica no contexto educacional. A compreensão sobre o mundo do trabalho é abordada a partir das seguintes obras: Filme Socialismo (GODARD, Jean-Luc, França, Drama, 102 min, 2010), que retrata as mazelas da sociedade diante do capitalismo, evidenciando os problemas econômicos e sociais em um contexto de pós-modernidade; Pão e Rosas (LOACH, Ken, Inglaterra, Drama, 1h 52m, 2000) conta a história da saga dos trabalhadores ilegais mexicanos, sintetizados na trajetória de duas irmãs, que lutam para conseguir trabalho e qualidade de vida nos EUA; Eu, Daniel Blake (LOACH, Ken, Inglaterra, Drama, 100 min, 2016), que conta a história do personagem Daniel, impedido de receber auxílio de saúde relacionado ao seu trabalho. Ele luta por seus direitos, mas encontra uma burocracia excessiva, pois todo o processo é realizado via internet — o que exclui aqueles sem acesso às tecnologias. Após a exibição dos filmes para estudantes do 3º ano do ensino médio de uma escola localizada em Icaraí, no município de Caucaia-CE, promoveram-se debates que buscaram desenvolver o senso crítico dos alunos (as) sobre temas como exploração, alienação, ideologia e discurso sobre o trabalho, a partir da linguagem audiovisual e de suas próprias experiências profissionais. Muitos desses estudantes, embora estejam em regime de tempo integral, exercem atividades relacionadas ao turismo nos finais de semana. O referencial teórico adotado baseia-se na obra Manuscritos Econômicos de 1844, do filósofo Karl Marx, que apresenta o Trabalho como positivo e negativo. A pesquisa também dialoga com Dialética do Espectador, do cineasta e teórico marxista Tomás Gutiérrez Alea, que defende o papel do cinema na transformação social e na formação crítica do espectador. Conclui-se que a inserção da linguagem audiovisual no contexto educacional pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de uma educação crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho. Educação. Audiovisual

¹ Doutorando em Educação UFC, Mestrado Profissional em Filosofia pela UFC, pós em ensino de História e em Cinema. Graduado em Filosofia, História e Cinema. Professor pela SEDUC e Cineasta. E-mail: emerson.praciano@prof.ce.gov.br. Orcid: 0009-0000-4109-7521. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/469123879477053>.

² Graduado em Geografia (Licenciatura Plena) pela Universidade Estadual do Ceará (2003); Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (2006); Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2010). Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (Departamento de Fundamentos da Educação / Programa de Pós-Graduação em Educação). E-mail: mariocoelho@ufc.br. Orcid: 0000-0002-6144-1972. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8742258860132699>.

LABOR RELATIONS IN AUDIOVISUAL PRODUCTIONS: REFLECTIONS ON A PEDAGOGICAL STRATEGY AIMED AT THE CRITICAL EDUCATION OF STUDENTS

When addressing the world of work in audiovisual productions and its implementation in the school environment, this article seeks to analyze films that build narratives about the modes of production in capitalist and neoliberal work systems, as well as to propose strategies for their critical use in the educational context. The understanding of the world of work is approached through social representations in the following works: *Socialism* (GODARD, Jean-Luc, France, Drama, 102 min, 2010), which portrays the ills of society under capitalism, highlighting economic and social problems in a postmodern context; *Bread and Roses* (LOACH, Ken, England, Drama, 1h 52m, 2000) tells the story of the struggle of undocumented Mexican workers, centered on the journey of two sisters fighting for jobs and quality of life in the USA; *I, Daniel Blake* (LOACH, Ken, England, Drama, 100 min, 2016), which tells the story of Daniel, a man denied health benefits related to his work. He fights for his rights but faces excessive bureaucracy, as the entire process is conducted online—excluding those without access to technology. After screening the films for third-year high school students at EEMTI Professora Iraci, located in Icaraí, Caucaia, debates were held that developed the students' critical thinking on topics such as exploitation, alienation, ideology, and discourse in representations of work, based on audiovisual language and their own professional experiences. Many of these students, although attending full-time school, engage in tourism-related activities on weekends. The theoretical framework adopted is based on *Economic Manuscripts of 1844* by philosopher Karl Marx, which presents Work as both positive and negative. The research also dialogues with *Dialectics of the Spectator* by filmmaker and Marxist theorist Tomás Gutiérrez Alea, who advocates for cinema's role in social transformation and the critical formation of the viewer. It is concluded that the inclusion of audiovisual language in the educational context can significantly contribute to the development of critical education.

Keywords: Labor. Education. Audiovisual.

INTRODUÇÃO

O presente artigo realiza uma reflexão sobre uma experiência pedagógica que mostra como o cinema pode ser utilizado criticamente na escola para problematizar o mundo do trabalho sob a lógica capitalista e neoliberal, por meio da exibição e discussão de filmes que abordam as representações sociais do trabalho. Nesse sentido, busca-se mostrar que as produções audiovisuais podem ser excelentes materiais didáticos para uma reflexão crítica a respeito da exploração no

mundo do trabalho. A práxis educativa e a aprendizagem ao assistir e discutir uma cena podem representar um exemplo de estudo ativo.

A investigação sobre o mundo do trabalho a partir das propostas dos filmes: Filme Socialismo (Godard, Jean-Luc, França, Drama, 102 min, 2010), Pão e Rosas (Loach, Ken, Inglaterra, Drama, 1h52min, 2000) e Eu, Daniel Blake (Loach, Ken, Inglaterra, Drama, 100 min, 2016) proporciona uma abertura para discussões sobre como o capitalismo contemporâneo e o neoliberalismo se constituem, de fato, a partir das consequências de uma exploração evidente, que afeta diretamente as condições de vida e de dignidade. Refletir sobre as condições de trabalho e os impactos da exploração, da alienação e da ideologia presentes nas narrativas cinematográficas é de suma importância ao se considerar que existem filmes com caráter crítico e marxista, em contraste com os aspectos das grandes produções hollywoodianas.

O artigo traz como proposta a implementação de estratégias didáticas de exibição e debate de filmes com estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola localizada no Icaraí, no município de Caucaia – CE, com o intuito de promover uma abordagem crítica da realidade social. Os filmes exibidos retratam a realidade de muitos jovens, e muitos deles se reconhecem nas histórias, pois, mesmo sem terem concluído seus estudos e frequentando uma escola de tempo integral, trabalham à noite e nos finais de semana. Articular a teoria marxista sobre a exploração no mundo do trabalho a partir de cenas de filmes que tratam desses temas, e exibi-las na escola durante a aula de NTPPS – Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Prática Social – é uma forma de mostrar que a prática pedagógica pode desenvolver uma consciência crítica nos alunos (as) sobre suas próprias experiências de trabalho. Partimos da seguinte inquietação: de que forma o cinema, ao representar o mundo do trabalho, pode ser utilizado como ferramenta pedagógica para desenvolver uma consciência crítica sobre exploração, alienação e ideologia no contexto escolar?

A metodologia utilizada foi uma pesquisa-ação, embora contenha vários relatos de experiência, uma vez que serão apresentadas análises, opiniões e percepções sobre a experiência de assistir, exibir e debater filmes que se relacionam diretamente com o mundo do trabalho. No entanto, este trabalho se caracteriza, sobretudo, como uma pesquisa ação pedagógica pois apresentará alguns resultados

obtidos a partir de uma pesquisa com perguntas objetivas e descritivas, realizada via Google Meet, com a participação de noventa alunos. A pesquisa está dividida em dois momentos: antes e no pós exibição com a intenção de compreender a necessidade da exibição do filme e o resultado após o debate. A pesquisa bibliográfica serve como embasamento para a relação entre o conceito de trabalho e o cinema, inseridos diretamente nas aulas do Ensino Médio, por meio do referencial teórico de Karl Marx e dos comentaristas selecionados. A pesquisa de campo também será um foco importante neste trabalho, no qual será exemplificado como aconteceram as aulas sobre o mundo do trabalho e a utilização da sétima arte.

Um dos principais conceitos abordados foi o de trabalho alienado. Consideramos que tal conceito, na forma que o elabora Marx, ao ser trazido para debate na sala de aula pode levar os jovens a refletirem sobre o distanciamento do mundo e do outro, por meio da linguagem cinematográfica. Para analisar o cinema como forma de desalienação do ser humano em relação ao seu mundo, apresentaremos a proposta das exibições das produções audiovisuais como uma possível quebra da rotina expositiva das aulas. O termo "alienação" pode ser considerado uma concepção de trabalho na sociedade capitalista que impulsiona, regula e controla o ser humano. O ser humano que é alheio ao mundo torna-se mais fácil de ser manipulado e até mesmo descartado quando já não é mais útil. Tendo isso em vista, analisaremos os Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844, principal obra do autor sobre essa temática. A atividade do trabalho e as características do indivíduo na sociedade capitalista, bem como do indivíduo humano, serão abordadas a partir da alienação em relação ao mundo e ao outro. Defenderemos que a autoconsciência pode ser um caminho para uma possível tentativa de um trabalho positivo e menos alheio a si e ao outro.

É importante ressaltar que Marx não viveu na época do cinema; entretanto, o pensamento marxista pode ser observado em várias produções audiovisuais. Citamos o cinema soviético como percurso do cinema marxista, além dos cineastas Jean-Luc Godard, Tomás Gutiérrez Alea, Ken Loach e seus respectivos filmes voltados para os movimentos sociais, consciência crítica, luta de classes e questões revolucionárias ao trabalho. O cinema pode ser uma linguagem direta da realidade social, quando utilizado para esclarecer, informar, gerar debates e integrar diversos aspectos da sociedade, sem distinção. O uso da técnica

cinematográfica nas escolas, como um processo de formação da consciência crítica, será explorado a partir da explicação dos elementos cinematográficos e da relação entre cinema e educação. A utilização de filmes em sala de aula já é um método bastante eficaz para a compreensão dos conteúdos, pois é empolgante ver aquilo que se está aprendendo. Diferente do cinema convencional, a sala de aula, quando se transforma em espaço para assistir a filmes, torna-se propícia a discussões críticas e reflexivas. Trata-se da utilização de vídeos na instituição escolar sem pretensões capitalistas.

2. REFLEXÕES ACERCA DO TRABALHO

Aparentemente, somos livres e independentes; inclusive, trabalhamos por conta própria, organizando os próprios horários e não tendo deslocamento, tornando a nossa casa como se fosse nossa própria fábrica, conforme os moldes do sistema neoliberalista. A mentalidade pregada pela lógica comercial é a ideia de que tudo depende apenas do indivíduo. Se não está trabalhando, é porque não está se esforçando o bastante para conseguir. A sociedade capitalista produz um homem cujo interesse é a produção, ou seja, que se submeta à lógica do capital. Por isso, o trabalho se torna necessário apenas para sobreviver. O ser humano não se reconhece na produção nem na coletividade, porque somos induzidos a pensar e a reagir de acordo com a sociedade do consumo.

Coloquemo-nos agora totalmente do ponto de vista do economista nacional e comparemos, segundo ele, as reivindicações teóricas e práticas do trabalhador. Ele nos diz que, originária e conceitualmente, o produto total do trabalho pertence ao trabalhador. Mas ele nos diz, ao mesmo tempo, que, na realidade efetiva (Wirklichkeit), ao trabalhador pertence à parte mínima e mais indispensável do produto; somente tanto quanto for necessário para ele existir, não como ser humano, mas como trabalhador, não para ele continuar reproduzindo a humanidade, mas sim a classe de escravos [que é a] dos trabalhadores. Diz-nos o economista nacional que tudo é comprado com trabalho, e que o capital nada mais é do que trabalho acumulado. Mas ele nos diz, simultaneamente, que o trabalhador, longe de poder comprar tudo, tem de vender-se a si próprio e a sua humanidade (Marx, 2004, p. 28)

A lógica do mercado não ocorre apenas no ingresso no mundo do trabalho, pois, desde cedo, a criança é incentivada pelas mídias a consumir e a ser valorizada pelos seus bens. Na educação, é incentivada a não ser reflexiva, mas a entrar no mundo do trabalho, porque ela precisa ganhar dinheiro, pois a pessoa tem a

concepção de que vale apenas enquanto tem. Dessa forma, a educação não proporciona condições para o cuidado da saúde do corpo, nem da saúde mental, nem emocional. O próprio trabalho deixa de ser livre para ser algo ruim que destrói o corpo e a mente. O homem não é identificado pelo seu trabalho e sim pela força de trabalho. Isso é extremamente preocupante, pois o sujeito não produz com liberdade e o seu direito de refletir, de ser criativo e consciente é negado porque ele só tem valor se produzir. É um processo que gera miséria, sofrimento, desumanização e um trabalho excessivo e estranho a si mesmo, pois o trabalhador, segundo Marx (2004) “não se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo, não se sente bem, mas infeliz, não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruína o espírito”. O ser humano dentro do trabalho alienado é diferente de uma atividade livre, humanitária e consciente.

O estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis nacional-econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna; quanto mais bem formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador (Marx, 2004, p. 82).

O problema em questão é que, devido à sociedade capitalista, as empresas e as instituições de ensino acabam não propiciando um incentivo claro para o desenvolvimento intelectual, nem para a participação nos avanços tecnológicos, de forma que o homem não seja sujeito do seu tempo. Criar uma sociedade onde os indivíduos estejam interligados a essa mentalidade da lógica do mercado afeta o mundo do trabalho para quem está inserido, mas já se inicia na escola, que, muitas vezes, acaba sendo um espaço de reprodução de tal mentalidade, quando apresenta uma subjetividade que incentiva o desejo pela compra e faz com que o indivíduo sonhe em ter o que está sendo produzido no momento. Mas como refletir sobre possíveis mudanças em um ambiente profissional e escolar mais saudável, se a fábrica e a escola estão inseridas em uma sociedade onde a maioria dos indivíduos está conformada? E, mesmo aqueles que reclamam por se sentirem incomodados e por não concordarem com tais ideias, muitas vezes não conseguem discutir possibilidades concretas que possam gerar ameaças contra esse modelo econômico. Mesmo sabendo que, geralmente, no mundo profissional não há um incentivo para que o funcionário busque o autoconhecimento e entenda a sua

subjetividade como autossuficiente, livre e individual, proponho uma discussão sobre como amenizar problemas gerados pelo trabalho. Uma delas pode ser a busca pela realização de tarefas que façam, de certa forma, sentido, não adormecer os limites do corpo e da mente, e buscar espaços de descanso, lazer e silêncio.

Quando ocorre o empobrecimento da subjetividade a partir da exploração no mundo do trabalho, é porque o ser humano se converteu em “coisa”; ele se torna uma mercadoria. Por isso, suas relações são baseadas apenas no interesse de troca ou em indivíduos isolados com objetivos limitados e particulares. Um dos exemplos dessa situação ocorre quando o trabalhador aceita ser explorado e trabalhar em condições impróprias. O ser humano se confronta com a sua própria condição quando estabelece relações em que devem existir o proprietário e o trabalhador. Tal atitude faz com que o indivíduo se oponha a si mesmo. Além disso, podemos citar que há uma reciprocidade entre o trabalhador e a indústria cultural, o que representa uma natureza alienada, criando uma ideia de universalidade do trabalho. Trabalha-se, mas não se planeja, e, em muitos casos, nem sabemos o que estamos produzindo. A dinâmica da sociedade e o processo de mais-valia no mundo do trabalho contribuem para a desvalorização do indivíduo. O desejo de uma sociedade que esteja de fato preocupada com a subjetividade e que gere uma transformação social parece cada vez mais uma utopia, pois o ser humano praticamente vive de forma exclusiva para exercer sua profissão. No caso dos professores, parece que essa cobrança ainda é maior. Por isso, eles são tratados em filmes como aqueles que acabam se separando dos cônjuges, deixando de cuidar de si e de seus próprios filhos para se dedicar, quase integralmente, aos de outros. O educador é aquele que inspira a autoeducação, isto é, um orientador para que o seu aluno possa ter protagonismo juvenil, a partir de suas qualidades e conhecimentos prévios. Inspirar para a autoeducação é uma forma de amenizar os problemas gerados pela morte da subjetividade na sociedade capitalista, pois respeita a liberdade humana e valoriza a riqueza que o ser humano é a partir de si mesmo.

O profissional precisa ser livre para produzir, participando de todo o processo de criação do que está sendo proposto. Temos uma falsa ilusão de que todos são livres e iguais, mas os cidadãos não são levados a refletir sobre os problemas sociais de sua comunidade fora do período eleitoral. A subjetividade na modernidade

e contemporaneidade é passiva, ou seja, a maioria das pessoas está sem ambição para resistência e para lutar contra a sociedade burguesa. Infelizmente, o que importa é o dinheiro, em vez de uma vida que proporcione valores para a formação humana. Para a lógica capitalista, o que importa é que os jovens entrem no mercado de trabalho. Mas o problema é que o trabalho compromete a subjetividade devido à exploração do trabalhador, que recebe bem menos pelo que produziu e, na maioria dos casos, trabalha em condições precárias.

A sociedade capitalista tem como base garantir as condições para manter a riqueza por meio da exploração de quem produz, reduzindo a subjetividade humana aos interesses financeiros de alguns. Ao trabalhar, o empregado perde a sua subjetividade, porque o processo é cansativo e não permite a criatividade nem a liberdade. É importante destacar que a mesma reação de insatisfação do indivíduo em relação ao seu trabalho já ocorre desde o seu período escolar, pois certamente nenhuma das duas instâncias se compromete de fato com a Formação Humana.

3. O CINEMA COMO UMA LINGUAGEM DIRETA DA REALIDADE SOCIAL

O cinema pode ser compreendido como uma arte de múltiplas possibilidades: promove um conhecimento mais amplo, uma abertura à vida, mais experiências no campo das relações humanas e a descoberta das artes em todas as suas formas e valores. Com a sétima arte, em certa medida, podemos conhecer a realidade a partir de uma perspectiva geral, como um todo. É possível aprender por meio da fala, dos gestos, do figurino, do cenário e dos objetos em cena, de forma clara e direta. Voltada à abertura para a vida e à realidade social, a arte cinematográfica estabelece compromissos que incentivam a valorização e o respeito à vida humana.

O cinema gera encontros, apreciações e debates, contribuindo para as experiências nas relações humanas, pois, ao produzir e ao assistir, todo o processo ocorre de forma coletiva. Mesmo quando uma pessoa assiste sozinha, geralmente compartilha seus pontos de vista sobre o filme com outras pessoas. Um convite para ir ao cinema ou assistir a um filme em casa é sempre muito agradável e bem-visto nas relações amorosas, de amizade e nos encontros familiares, podendo agregar valores humanos e conhecimentos, além de proporcionar lazer.

A cultura cinematográfica é desenvolvida no ser humano, sobretudo a partir dos oito anos de idade, contribuindo para o senso estético, a capacidade de julgar e de diferenciar o que é real do que é imaginário. Utilizamos o senso estético quando julgamos, apreciamos, raciocinamos e decidimos o que é belo ou não. Isso é importante por conta da nossa autonomia de escolha. Geralmente, a estética encanta ou causa repulsa, pois avaliamos um filme por sua arte. Talvez seja por isso que muitos vestem roupas dos personagens ou compram objetos com a marca do seu filme preferido — porque se identificam. A identificação do indivíduo com o filme se dá pela capacidade de julgamento desenvolvida ao longo da experiência de assistir. Mas qual é a relação de quem gera o espetáculo e quem é o espectador?

Teríamos assim dois momentos na relação espetáculo-espectador: de um lado o *pathos*, o êxtase, a alienação; de outro lado o distanciamento, o reconhecimento da realidade, a desalienação. O movimento de um estado ao outro pode ser feito várias vezes durante o desenrolar do espetáculo. O movimento que o espectador realiza de um pólo dialético a outro dentro da obra é análogo ao que realiza a partir da realidade de todos os dias com o teatro ou cinema e vice-versa. Também esta fuga da realidade de todos os dias para submergir numa realidade fictícia, um mundo autônomo no qual vamos reconhecer-nos a nós mesmos para depois retornarmos enriquecidos com a experiência é um movimento de alienação e desalienação (Alea, 1984, p. 86).

A relação do pensar crítico e ao mesmo tempo compreender o que é real e o que não é pode ser entendida como uma oportunidade para expandirmos nossa capacidade de imaginar, criar, inventar, improvisar, escrever e buscar entender a sociedade a partir do que é realmente possível. É necessário ressaltar a importância do cinema como espaço de cultura e conhecimento. “A cultura cinematográfica supõe, portanto, conhecimentos de sociologia, filosofia, psicologia etc., sempre mais desenvolvidos à medida que aprofundamos seu estudo e a pesquisa do campo de suas influências” (Sá, 1967, p. 97). Relacionar o pensamento crítico com o cinema é fortalecer as perspectivas de um espaço de problematização no ambiente escolar tanto teórico quanto prático. Como uma escola de costumes, o cinema representa a cultura de um povo, pois cria moda, incentiva ações e atitudes, além de gerar reflexões sobre as escolhas que cada comunidade vem fazendo ao longo da história, a partir de suas preferências e ideologias.

O cinema é, sem dúvida, uma legítima fonte de pesquisa sobre a sociedade, e os filmes sobre a juventude constituem-se em registro histórico tanto das épocas em que foram filmados quanto de épocas passadas e reconstituídas

pelo cinema. Muitos contêm elementos discursivos e imagéticos importantes para a compreensão das culturas e do comportamento de grupos sociais. (Teixeira; Lopes; Dayrell, 2009, p. 205).

O comportamento humano de julgar, criticar, determinar regras morais e aplicar censura é muito comum ao se assistir a um filme. Entretanto, precisamos ter responsabilidade ao criticar, pois não se deve emitir julgamentos sem estarmos embasados em argumentos teóricos e técnicos. Uma crítica sem fundamento pode gerar diversas situações desagradáveis e provocar impactos emocionais e psicológicos com consequências graves.

A crítica que conscientemente se omite ou procura destruir e ridicularizar sistematicamente o papel da censura é talvez tão responsável quanto o médico que deixa solto um louco perigoso quando pode prevenir a família e tomar as medidas que se impõem. É muito fácil permanecer alheio aos problemas e omitir-se quando eles são desagradáveis... (Sá, 1967, p. 85).

Ainda sobre o comportamento humano diante de uma tela de cinema, é importante destacar as reações do público. O que o cinema nos provoca? Quando produções audiovisuais contêm cenas violentas, é como se liberássemos energias e estresses do cotidiano. Quando há cenas engraçadas, geram comportamentos de alegria e entretenimento. Já quando os filmes representam o mal como realidade, podem ser recebidos pelo público como incômodos ou como desabafos de insatisfações sociais. Isso acontece porque a linguagem do cinema é direta. Quando o professor de Biologia vai lecionar sobre uma planta, ele pode levá-la para mostrar aos alunos enquanto explica. Já o professor da área das ciências humanas, ao falar sobre o amor, não pode levar o conceito à sala de aula de forma concreta. Talvez a encenação seja o recurso que permita visibilizar esse conceito. Mas, caso o profissional não tenha essa habilidade ou, mesmo tendo, prefira outro recurso, pode apresentar um vídeo, já que o cinema é uma linguagem visual e sonora que facilita a compreensão e favorece um debate mais proveitoso. Para Martin (2003), “O cinema dispõe de uma linguagem ao mesmo tempo sutil e complexa, capaz de transcrever com agilidade e precisão não só os acontecimentos e os comportamentos, mas também os sentimentos e as ideias.”.

A linguagem do cinema é direta porque respeita a liberdade de expressão e os costumes de um povo. Por proporcionar reflexões antes, durante e depois, os filmes devem exercer o papel de denunciar problemas sociais, negligências dos

gestores e a alienação presente na sociedade capitalista. Esse tipo de abordagem nas telas respeita o livre pensar e incentiva o desenvolvimento de uma consciência crítica — o que é completamente diferente de doutrinação. Contudo, não é apenas a obra cinematográfica em si que denuncia os problemas sociais, mas também a dificuldade de acesso ao cinema, o que representa um sério problema em nossa sociedade.

4. A EXIBIÇÃO DE FILMES MARXISTAS NUMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO

Ao longo da semana, estudantes de escolas públicas de tempo integral têm em sua grade curricular quatro horas semanais destinadas à disciplina NTPPS – Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Prática Social, presente em todos os anos do Ensino Médio. Geralmente, no terceiro ano, os professores lotados em NTPPS lecionam sobre o Mundo do Trabalho. A questão é que, em geral, são apresentados apenas testes vocacionais, a busca pelo primeiro emprego e possibilidades de empreendedorismo, mas não se estimula uma reflexão mais profunda acerca da exploração no mundo do trabalho.

Realizou-se uma pesquisa inicial por meio de um formulário do Google, que foi encaminhado aos grupos de WhatsApp dos noventa estudantes de 3 (três) turmas de Ensino Médio, com o objetivo de compreender suas percepções antes de exibir filmes e promover debates sobre as consequências das explorações no mercado de trabalho. Foi perguntado se já haviam assistido a algum filme na escola que abordasse o mundo do trabalho. 96,7% responderam que não, e 3,3% disseram que não tinham certeza. Ao perguntar com que frequência os professores utilizam filmes em aula para discutir questões sociais ou econômicas, 53% responderam que raramente, 28% às vezes, 17% nunca, e apenas 2% afirmaram que isso acontece com frequência. A terceira pergunta abordava se os estudantes acreditam que os filmes podem ajudar a entender melhor os problemas enfrentados pelos trabalhadores. 91,1% responderam “sim, com certeza” e 8,9% “talvez”. Quando foi perguntado se, após assistir a um filme sobre trabalho, já haviam refletido sobre desigualdades ou injustiças no mundo real, a porcentagem que respondeu afirmativamente aumentou para 96,7%, restando 3,3% para a opção “às vezes”. As alternativas “raramente” e “nunca” não foram assinaladas. A última indagação foi se

os estudantes se sentem mais motivados a participar das aulas quando um filme é utilizado como parte do conteúdo. 98,9% responderam “sim, muito mais”, e apenas 1,1% respondeu “um pouco”. Ninguém escolheu as opções “não faz diferença” ou “prefiro outros métodos”. Após essa pesquisa inicial, realizou-se a exibição de um filme em abril, outro em maio e o último em junho de 2025. Exibir filmes marxistas é, de fato, conforme Alea (1984) “responder à necessidade básica, o objetivo final: a transformação da realidade e a melhoria da condição humana”. Para isso, o cineasta cubano Alea afirma que o cinema precisa ser visto e praticado a partir de uma consciência crítica como:

Um cinema militante a partir do interior da revolução e dirigido, em primeira instância, aos homens que compartilham essa circunstância histórica, não constitui um problema fácil. Sobretudo se não queremos nos contentar com fórmulas já tradicionais que tendem a simplificar e esquematizar a realidade em nome da exaltação dos valores revolucionários. Sobretudo se não nos contentamos com a inútil retórica e pretendemos que o cinema constitua um elemento ativo e mobilizador, que estimule a participação no processo revolucionário. Não basta, então, um cinema moralizante assentado em prédicas e exortações. É necessário um cinema que eleve e estimule o senso crítico. (Alea, 1984, p. 102).

Entre os cineastas com uma tendência marxista, destaca-se Jean-Luc Godard, que em suas produções audiovisuais abordava convenções cinematográficas, política e filosófica a partir de uma perspectiva humanista sobre os conflitos humanos. Godard é considerado inovador na história do cinema, pois acreditava que “apreendendo o cinema, apreende-se a realidade: o cinema é um corpo-vivo, objeto e perspectiva” (Rocha, 2003, p. 36). O cineasta francês fez parte do movimento conhecido como Nouvelle Vague, surgido na França no fim dos anos 1950, que marcou uma renovação de gerações dentro de uma indústria cinematográfica que havia chegado a certo estado de esclerose criativa: “Ela acontece de dez a quinze anos depois da Liberação, defasagem bastante característica – e original – da evolução da sociedade francesa no campo cultural.” (Marie, 2011, p. 103). Godard usava câmera móvel e incentivava os atores a interpretarem de forma espontânea e despojada, imprimindo um caráter autoral ao seu cinema: “Os filmes da Nouvelle Vague não teriam alcançado tanto eco na crítica e no público se não tivessem abordado temas novos nem falado da sociedade francesa de modo diferente do cinema anterior.” (Marie, 2011, p. 85). Entre seus principais filmes, analisamos Filme Socialismo (2010, Drama, 1h42), que trata das

mazelas da sociedade diante do capitalismo, gerando problemas econômicos e sociais num contexto de pós-modernidade. Para demonstrar a estratificação e as desigualdades sociais, Godard apresenta as contradições por meio da oposição entre uma família rica, em um cruzeiro de luxo, e outra que vive com grandes dificuldades financeiras. A arte é apresentada como possível escape dentro da lógica frenética do capitalismo, como na cena do garoto que pinta um quadro em um posto de gasolina. O filme sugere que o comportamento artístico pode ser o caminho para tirar o cidadão médio da alienação do sistema.

Outro cineasta influenciado pelo pensamento marxista é Ken Loach, conhecido por sua sensibilidade às causas sociais e por denunciar os abusos sofridos pela classe operária desde a crise do petróleo e, sobretudo, com o surgimento do neoliberalismo. Seus filmes buscam coerência política, ainda que estejam mais preocupados em denunciar a exploração existente. Entre suas obras, analisamos *Pão e Rosas* e *Eu, Daniel Blake*. *Pão e Rosas* (2000, Drama, 1h52) narra a saga de trabalhadores mexicanos ilegais nos EUA, com foco em duas irmãs que enfrentam preconceitos e dificuldades na luta por trabalho e qualidade de vida. A trama denuncia abusos como o assédio, exploração e a invisibilidade dos trabalhadores. O filme mostra cenas de manifestação, repressão policial, desconfiança com sindicatos, e a luta por direitos básicos, como o aumento do salário. Maya, por estar ilegal, é deportada mesmo após a conquista de melhorias. *Eu, Daniel Blake* (2016, Drama, 1h40) retrata a história de um homem que não consegue auxílio do governo mesmo estando incapacitado para o trabalho. A burocracia digital o impede de acessar seus direitos. O filme também denuncia problemas sociais como fome e prostituição, mostrando como a precariedade afeta profundamente a vida das pessoas. A frase pichada por Daniel em protesto — “Sou homem e não um cão” — resume sua luta por dignidade. A tragédia de sua morte antes da entrevista evidencia o descaso com o ser humano.

Em todas as suas obras, Ken Loach reafirma seu compromisso com um realismo cultural: “Um cinema que concebe um realismo baseado na vivência do cotidiano e na reflexão sobre o presente como a melhor forma de compreender e pensar a sociedade contemporânea. Realismo que, no cinema de Ken Loach, conta com roteiristas que foram operários e/ou líderes sindicais.” (Baptista, 2008, p. 74). Os filmes de Loach apresentam características como: realismo sem ilusões,

representatividade popular, ausência de elitismo, uso de atores amadores, luz natural e produção independente. Seus filmes refletem a ascensão de partidos de esquerda e do movimento operário, além de representarem um cinema com prática desalienante: “Em Loach, é a adoção de técnicas visuais e de direção de atores adaptada da tradição do documentário.” (Baptista, 2008, p. 75-76).

Após as três sessões e os debates, realizou-se uma nova pesquisa via Google Formulário. Perguntou-se se os filmes ajudaram a identificar situações de alienação no cotidiano (como falta de sentido no trabalho ou consumo automático). 100% responderam “sim”. Ao serem questionados se, por meio dos filmes, ficou mais claro como as ideologias moldam a visão sobre o trabalho e a sociedade, 89% disseram “sim, completamente”, 6% “mais ou menos”, e 5% “nunca tinham pensado sobre isso”. O terceiro questionamento foi se os estudantes se sentiram mais engajados com o conteúdo escolar ao assistir aos filmes. 92% responderam “sim, muito mais” e 8% “um pouco”. Ninguém escolheu as opções “não fez diferença” ou “prefiro outros métodos”. Foi também perguntado qual foi o principal impacto pedagógico do uso desses filmes: 87% responderam que estimulam a reflexão crítica, 11% disseram que tornam a aula mais interessante e 2% que enriquecem o conteúdo escolar. Nenhum estudante indicou que os filmes não tiveram impacto relevante. Com esta última pergunta, fica evidente que, para este grupo de estudantes, os filmes analisados contribuíram para o propósito pedagógico de incentivar a reflexão crítica de jovens que estão se preparando para o mercado de trabalho, gerando questionamentos sobre o modelo capitalista e suas consequências. A reflexão transforma os sujeitos em agentes com potencial para criar, mobilizar e atuar com mais humanidade, pois o trabalho também pode ser positivo quando se toma consciência de sua função e valor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O potencial da linguagem cinematográfica foi visto aqui como uma grande oportunidade de interação entre os estudantes e os professores para compreender sobre o mundo do trabalho e gerar reflexões acerca do assunto. É importante destacar que se cumpra a Lei Nº 13.006/2014, artigo 8 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que exige que as escolas públicas ou privadas de educação básica

exibam duas horas mensais de filmes e que as exhibições devem ter um caráter pedagógico, isto é, deve-se escolher filmes que possam contribuir para uma reflexão a respeito do conteúdo que foi ou que está sendo exposto. Para isso se faz necessário que o educador tenha visto o filme antes, assim como tenha feito um planejamento. O cinema é completo porque é uma união de outras artes, podendo gerar várias outras possibilidades culturais e profissionais, por isso podemos aprender não só com o conteúdo da produção audiovisual, mas com todos os elementos cinematográficos.

O indivíduo não se reconhece no mundo e se torna estranho com o outro quando ele se sente um objeto, mais um produto em meio a tantos outros. Aquilo que ele produziu volta para ele de forma estranhada. Mas tem como lutar contra o sistema? Parece que está crescentemente difícil acreditar em uma consciência profissional porque vivemos em um contexto em que o comodismo é um fator comum por uma parte da sociedade.

Diante de tudo o que aqui foi dito é importante pontuar que os filmes aqui citados podem ser uma ferramenta pedagógica crítica porque ao assistir e debaterem, os alunos e o professor orientador buscaram refletir sobre uma sociedade na qual os poderes humanos não estejam alienados do homem e, conseqüentemente, não possam se voltar contra ele. Para uma tentativa de um cinema como formação pedagógica voltada para a Formação Humana precisa haver uma atividade humana que utilize a autoconsciência inserida nas práticas de ensino. Sendo assim, percebemos que os filmes citados podem ser um negador da alienação na prática, embora para Marx não seja possível superar a alienação totalmente.

REFERÊNCIAS

ALEA, Tomás Gutierrez. **Dialética do espectador**: seis ensaios do mais laureado cineasta cubano. São Paulo: Sumus, 1984.

BAPTISTA, Mauro. **Cinema Mundial Contemporâneo**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

MARIE, Michel. **A Nouvelle Vague e Godard**. São Paulo: Papyrus, 2011.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

ROCHA, Glauber. **Revisão crítica do cinema brasileiro**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

SÁ, Irene Tavares de. **Cinema e educação**. Rio de Janeiro: Agir, 1967.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel; DAYRELL, Juarez. **A juventude vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.